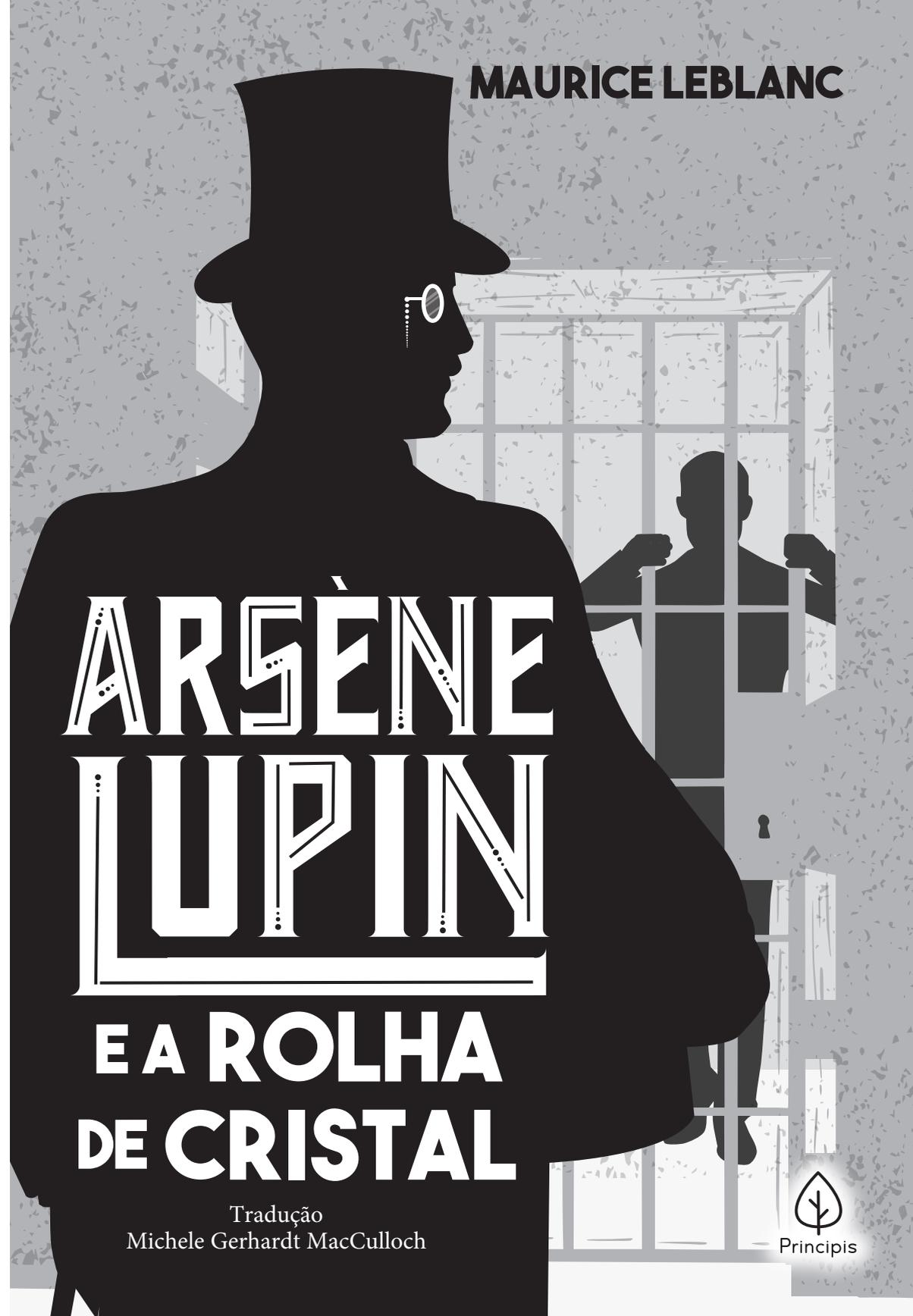


ARSÈNE
LUPIN



MAURICE LEBLANC



**ARSÈNE
LUPIN**

**EA ROLHA
DE CRISTAL**

Tradução
Michele Gerhardt MacCulloch



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Original
Le bouchon de cristal

Revisão
Fernanda R. Braga Simon

Traduzido da publicação em inglês
The crystal stopper, 1922

Produção editorial e projeto gráfico
Ciranda Cultural

Texto
Maurice Leblanc

Diagramação
Linea Editora

Tradução
Michele Gerhardt MacCulloch

Imagens
Agnieszka Karpinska/Shutterstock.com;
VectorPot/Shutterstock.com;

Preparação
Jéthero Cardoso

alex74/Shutterstock.com;
YurkaImmortal/Shutterstock.com;
Zdenek Sasek/Shutterstock.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

L445a	Leblanc, Maurice, 1864-1941
	Arsène Lupin e a rolha de cristal / Maurice Leblanc ; traduzido por Michele Gerhardt MacCulloch. - Jandira, SP : Principis, 2021. 256 p. ; 15,5cm x 22,6cm. - (Arsène Lupin)
	Tradução de: Le bouchon de crystal ISBN: 978-65-5552-320-1
	1. Literatura francesa. 2. Ficção. I. MacCulloch, Michele Gerhardt. II. Título.
2021-268	CDD 843 CDU 821.133.1-3

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura francesa : Ficção 843
2. Literatura francesa : Ficção 821.133.1-3

1ª edição em 2021

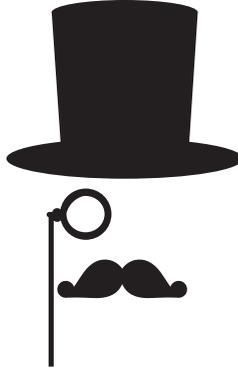
www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

SUMÁRIO

As detenções.....	7
Nove menos oito igual a um	25
A vida privada de Alexis Daubrecq.....	44
O chefe dos inimigos.....	63
Os vinte e sete	79
A sentença de morte.....	102
O perfil de Napoleão	126
A Torre dos Amantes	144
No escuro.....	160
<i>Extra-dry?</i>	179
A Cruz de Lorena	194
O cadafalso	216
A última batalha	231



AS DETENÇÕES

Os dois barcos, amarrados ao pequeno cais que se alongava desde o jardim, balançavam à sombra. Aqui e ali era possível ver janelas iluminadas através da espessa névoa que cobria as margens do lago. Do outro lado, as luzes do cassino de Enghien cintilavam, embora já fosse final de setembro. Poucas estrelas apareciam entre as nuvens. Uma leve brisa agitava a superfície da água.

Arsène Lupin saiu da casa de veraneio onde estava fumando um cigarro e inclinou-se para a frente na ponta do cais:

– Grognard? – ele chamou. – Le Ballu? Vocês estão aí?

De cada barco levantou-se um homem, e um deles respondeu:

– Estamos sim, patrão.

– Estejam preparados. Estou escutando o carro de Gilbert e Vaucheray se aproximar.

Ele atravessou o jardim, deu a volta na casa que estava em construção cujo andaime estava exposto, e com cuidado abriu a porta que dava para a Avenida de Ceinture. Não estava enganado: uma luz forte iluminou quando um automóvel aberto fez a curva e parou. Dele saíram dois homens usando sobretudos, com as golas viradas para cima, e gorros.

Eram Gilbert e Vaucheray: Gilbert, um jovem de 20 ou 22 anos, com um rosto simpático e corpo forte e ágil; Vaucheray era mais baixo, o cabelo grisalho e rosto pálido e cansado.

– Bem – Lupin começou –, vocês o viram? O deputado?

– Sim, patrão – respondeu Gilbert –, nós o vimos pegar o trem das dezenove e quarenta para Paris, como imaginávamos que faria.

– Então estamos livres para agir?

– Totalmente. Villa Marie-Thérèse está à nossa disposição.

O chofer permanecera em seu lugar. Lupin ordenou:

– Não espere aqui. Pode chamar atenção. Volte às nove e meia em ponto, a tempo de carregar o carro, a não ser que todo o negócio dê errado.

– Por que daria errado? – questionou Gilbert.

O automóvel se afastou, e Lupin, pegando o caminho para o lago com seus dois companheiros, respondeu:

– Por quê? Porque não fui eu quem preparou o plano; e, quando eu mesmo não faço alguma coisa, não fico totalmente confiante.

– Ora, patrão, trabalho para o senhor há três anos já... Estou começando a conhecê-lo!

– Sim, meu rapaz, está começando – concordou Lupin –, e é exatamente por isso que temo os erros... Aqui, venha comigo... E você, Vaucheray, entre no outro barco... É isso... Agora, vamos, rapazes... e façam o mínimo de barulho possível.

Grognard e Le Ballu, os dois remadores, seguiram diretamente para a outra margem, um pouco à esquerda do cassino.

Eles cruzaram com um barco em que um casal se abraçava, à deriva, e outro em que várias pessoas cantavam a plenos pulmões. E só.

Lupin aproximou-se de seu companheiro e disse baixinho:

– Gilbert, me diga, foi você quem pensou nesse trabalho ou foi ideia de Vaucheray?

– Juro para o senhor, não sei bem dizer: nós dois estamos discutindo isso há semanas.

– A questão é que eu não confio em Vaucheray: ele é um mau-caráter. Não sei por que não me livro dele.

– Ah, patrão!

– Sim, sim! Estou dizendo, ele é um camarada perigoso, sem contar que deve ter alguns delitos guardados na consciência.

Lupin ficou quieto por um momento, depois continuou:

– Então você tem certeza absoluta de que viu o deputado Daubrecq?

– Vi com meus próprios olhos, patrão.

– E tem certeza de que ele tem um compromisso em Paris?

– Ele vai ao teatro.

– Muito bem; mas os empregados dele continuam na vila em Enghien...

– A cozinheira foi dispensada. Quanto ao criado, Leonard, que é o confidente de Daubrecq, vai aguardar o mestre em Paris. Eles não vão voltar da cidade antes de uma hora da manhã. Mas...

– Mas o quê?

– Devemos considerar algum possível capricho da parte de Daubrecq, uma mudança de planos, uma volta inesperada, e providenciar para que tudo esteja terminado em uma hora.

– E quando você conseguiu esses detalhes?

– Hoje de manhã. Vaucheray e eu concordamos que era um momento favorável. Escolhi o jardim da casa em construção, de onde acabamos de sair, como o melhor lugar para se começar, já que não é vigiada durante a noite. Chamei dois camaradas para remarem e telefonei para o senhor. Isso é tudo.

– Você tem as chaves?

– Da porta da frente.

– É aquela vila que vejo daqui, rodeada por um parque?

– Sim, Villa Marie-Thérèse; e as outras duas, uma de cada lado, com jardins em volta, estão desocupadas há uma semana, assim poderemos tirar o que quisermos; e eu juro, patrão, vale muito a pena.

– O trabalho é muito simples – murmurou Lupin. – Não tem nenhum charme!

Eles atracaram em uma pequena enseada de onde subiam alguns degraus, escondidos embaixo de um telhado podre. Lupin refletiu que trazer os móveis para o barco seria uma tarefa fácil. Mas, de repente, ele disse:

– Tem alguém na vila. Olhe... uma luz.

– É uma lâmpada a gás, patrão. A luz não está se movendo.

Grognard continuou no barco, com instruções para ficar de vigia, enquanto Le Ballu, o outro remador, foi para o portão na Avenida de Ceinture, e Lupin e seus dois companheiros rastejaram nas sombras até os degraus.

Gilbert subiu primeiro. Tateando no escuro, introduziu primeiro a grande chave da porta, e depois a do trinco. Ambas viraram com facilidade, a porta se abriu, e os três homens entraram.

Uma lâmpada a gás estava acesa no vestíbulo.

– Está vendo, patrão... – disse Gilbert.

– Estou, sim – respondeu Lupin, com a voz baixa –, mas acho que a luz que vi acesa não vinha daqui...

– Vinha de onde, então?

– Não sei dizer... Esta é a sala de estar?

– Não – replicou Gilbert, que não temia falar alto –, não. Por precaução, ele mantém tudo no primeiro andar, no quarto dele e nos outros dois quartos, ao lado.

– E onde ficam as escadas?

– À direita, atrás da cortina.

Lupin foi até a cortina e estava puxando-a quando, de repente, a quatro passos à esquerda, uma porta se abriu e uma cabeça apareceu, a cabeça de um homem pálido, com olhos aterrorizados.

– Socorro! Assassino! – gritou o homem.

E voltou apressadamente para dentro do cômodo.

– É Leonard, o criado! – afirmou Gilbert.

– Se ele fizer escândalo, vou atirar nele – ameaçou Vaucheray.

– Você não vai fazer nada disso, entendeu, Vaucheray? – avisou Lupin, em um tom veemente. E saiu atrás do criado. Primeiro, entrou na sala de jantar, onde viu um lampião ainda aceso, com pratos e uma garrafa em volta, e encontrou Leonard nos fundos de um escritório, tentando em vão abrir uma janela.

– Não se mova, camarada! Não estou de brincadeira! Não tente ser valente!

Lupin se jogou no chão ao ver Leonard levantar o braço para ele. Três tiros foram disparados de dentro da escuridão do escritório; e então o camareiro caiu trêmulo no chão, derrubado por Lupin, que tirou a arma dele e agarrou-o pela garganta:

– Saia daqui, seu valentão! – ordenou Lupin. – Por pouco ele não me acertou... Vaucheray, amarre este cavalheiro!

Ele lançou a luz de sua lanterna de bolso no rosto do criado e riu:

– Não é um cavalheiro bonito... Sua consciência não pode estar limpa, Leonard; e ainda é o fantoche do deputado Daubrecq! Acabou, Vaucheray? Não quero esperar a noite toda!

– Não tem perigo, patrão – disse Gilbert.

– Mesmo? Então você acha que tiros não podem ser ouvidos de longe?

– Praticamente impossível.

– Não importa, precisamos ser rápidos. Vaucheray, pegue o lampião e vá lá para cima.

Lupin pegou Gilbert pelo braço e, enquanto o arrastava pelo primeiro andar, disse:

– Seu imbecil, é assim que você se informa? Agora, me diga se eu não estava certo com as minhas dúvidas!

– Veja bem, patrão, eu não tinha como saber que ele ia mudar de ideia e voltar para jantar.

– É preciso saber tudo quando temos a honra de invadir a casa de uma pessoa. Seu idiota! Vou me lembrar disso quando você e Vaucheray... dois inúteis!

A visão da mobília do primeiro andar acalmou Lupin, e ele começou seu inventário com o ar de satisfação de um amador que encontra algumas obras de arte:

– Nossa! Não tem muita coisa, mas o que tem é autêntico! Esse representante do povo tem bom gosto. Quatro cadeiras Aubusson... Uma escrivania assinada por Percier-Fontaine... Duas luminárias Goultieres... Um Fragonard genuíno e um Nattier falso, que qualquer milionário americano daria um olho para ter: em resumo, uma fortuna... E há miseráveis fingindo que não sobrou nada de autêntico. Santo Deus, por que não fazem como eu? Que procurem!

Gilbert e Vaucheray, seguindo as ordens e instruções de Lupin, na mesma hora começaram a remover os móveis maiores de forma metódica. Em meia hora o primeiro barco estava cheio; então decidiram que Grogard e Le Ballu deveriam ir na frente e começar a carregar o automóvel.

Lupin foi ver a partida deles. Ao voltar para a casa, passando pelo vestíbulo, achou ter escutado uma voz no escritório. Foi até lá e encontrou Leonard deitado de bruços, sozinho, com as mãos amarradas nas costas:

– Então é você resmungando, fantoche de confiança? Não se anime, já estamos quase acabando. Mas, se você fizer muito barulho, vai nos obrigar a tomar medidas mais sérias... Você gosta de pera? Podemos enfiar uma na sua boca para ficar quieto!

Ao subir as escadas, escutou de novo o mesmo barulho e, parando para prestar atenção, captou estas palavras, sussurradas com uma voz rouca, que, sem dúvida, vinha do escritório:

– Socorro! Assassino! Socorro! Vão me matar! Avisem o comissário!
– O camarada está completamente louco! – murmurou Lupin.
– Francamente! Perturbar a polícia às nove horas da noite, quanta indiscrição!

Ele voltou ao trabalho. Demorou mais do que esperava, já que descobriram que havia nos armários todo tipo de bibelôs valiosos que não podiam negligenciar, e, em contrapartida, Vaucheray e Gilbert estavam sendo tão meticolosos em suas investigações que ele estava desconcertado.

Finalmente, perdeu a paciência:

– Isso basta! – ordenou ele. – Não vamos estragar o trabalho todo fazendo o carro esperar por causa de uns bibelôs. Vou para o barco.

Já estavam perto da água e Lupin desceu os degraus. Gilbert o segurou:

– Escute, patrão, precisamos voltar mais uma vez, cinco minutos, não mais do que isso.

– Mas que diabos, para quê?

– Bem, é o seguinte, ficamos sabendo de um antigo relicário, algo surpreendente...

– Bem?

– Não conseguimos colocar as mãos nele, e eu estava pensando... tem um armário com um grande cadeado no escritório... Não podemos...

Ele já estava voltando para a porta. Vaucheray corria apressado.

– Vou dar-lhes dez minutos, nem um segundo mais! – gritou Lupin.
– Em dez minutos vou embora.

Mas os dez minutos se passaram e ele ainda estava esperando.

Olhou no relógio:

– Nove e quinze – disse para si mesmo. – Isso é loucura.

Além disso, lembrou-se de que Gilbert e Vaucheray haviam se comportado de forma estranha enquanto tiravam as coisas, sempre um perto do outro e se entreolhando. O que poderia estar acontecendo?

Sem nem perceber, Lupin voltou à casa, motivado por uma sensação de ansiedade que não conseguia explicar; e, ao mesmo tempo, ouvia um som oco que vinha de longe, da direção de Enghien, que parecia estar se aproximando... Pessoas passeando, sem dúvida...

Deu um assobio agudo e, então, foi para o portão principal, para olhar para a avenida. Mas de repente, enquanto abria o portão, um tiro estourou, seguido por um grito de dor. Voltou correndo, deu a volta na casa, subiu as escadas e correu para a sala de jantar:

– Que diabos vocês dois estão fazendo?

Gilbert e Vaucheray, em um furioso corpo a corpo, estavam rolando no chão, gritando palavras de raiva. As roupas deles estavam encharcadas de sangue. Lupin correu para separá-los. Mas Gilbert já tinha abatido o adversário e estava sacando um objeto que Lupin não teve tempo de ver. E Vaucheray, que estava perdendo sangue por uma ferida no ombro, desmaiou.

– Quem o feriu? Foi você, Gilbert? – questionou Lupin, furioso.

– Não. Foi Leonard.

– Leonard? Mas ele estava amarrado!

– Ele conseguiu se soltar e pegar o revólver.

– Aquele canalha! Onde ele está?

Lupin pegou o lampião e foi para o escritório.

O criado estava deitado de costas, com os braços estendidos, um punhal enfiado em sua garganta, com o rosto lívido. Uma linha vermelha escorria de sua boca.

– Oh – exclamou Lupin, após examiná-lo –, ele está morto!

– Você acha? Você acha? – gaguejou Gilbert, com a voz trêmula.

– Ele está morto, já disse.

Gilberto gaguejou:

– Foi Vaucheray... foi Vaucheray quem matou...

Pálido de raiva, Lupin o segurou:

– Foi Vaucheray, foi? E você também, seu patife, já que estava lá e não fez nada para impedi-lo! Sangue! Sangue! Vocês bem sabem que eu não aceito isso... Bem, nós nos deixamos pegar... Vocês vão ter que pagar, meus companheiros, e não vai ser barato... Lembrem-se da guilhotina!

Olhar o cadáver o deixou nervoso e, sacudindo Gilbert violentamente, ele disse:

– Por quê? Por que Vaucheray o matou?

– Ele queria procurar as chaves do armário nos bolsos dele. Quando se debruçou sobre ele, viu que o homem tinha soltado os braços. Ele ficou assustado... e o acertou...

– Mas e o tiro com o revólver?

– Foi Leonard... ele estava com o revólver na mão... ele conseguiu atirar antes de morrer.

– E a chave do armário?

– Vaucheray pegou.

– Ele abriu?

– Abriu.

– E encontrou o que estava procurando?

– Encontrou.

– E você quis pegar a coisa dele. O que era? O relicário? Não, era muito pequeno para isso... Então o que era? Responda...

Pela expressão silenciosa e determinada de Gilbert, Lupin percebeu que não conseguiria uma resposta. Com um gesto ameaçador, ele falou:

– Vou fazê-lo falar. Ou não me chamo Lupin. Mas, por enquanto, temos que sair daqui. Venha, me ajude a levar Vaucheray para o barco...

Eles voltaram para a sala de jantar, e Gilbert estava debruçado sobre o homem ferido quando Lupin falou:

– Ouça.

Eles se entreolharam, alarmados. Alguém estava falando no escritório. Uma voz muito baixa, estranha, distante... Entretanto, conforme